

“QUEREMOS FORMAR PROFISSIONAIS CAPAZES DE PRESERVAR O DENTE NATURAL COM PREVISIBILIDADE”

Com apenas quatro alunos por edição, três anos de duração e um corpo docente residente de referência, a nova especialização em Endodontia da Egas Moniz School of Health & Science quer responder à evolução clínica e científica da área.



Dr. José Gouveia, Dr. Carlos Daniel Inácio Franco, Dr. Mário Jorge Rito Dias Pereira, Dr. João Albernaz Santos Coelho Neves, Dr. Tiago Filipe Rodrigues Dionisio e Dr. Sérgio Quaresma.

A Endodontia mudou profundamente na última década. O microscópio operatório, a tomografia computadorizada de feixe cónico, os materiais biocerâmicos e as novas filosofias de instrumentação abriram novas possibilidades para a preservação do dente natural, mas também aumentaram a exigência clínica. É neste contexto que a Egas Moniz School of Health & Science lança uma nova especialização em Endodontia, com turmas de apenas quatro alunos, duração de três anos, integração de investigação e um corpo docente residente de seis professores, complementado por convidados internacionais.

O *Jornal Dentistry* falou com o corpo de docentes para conhecer melhor esta nova especialização - Dr. Mário Jorge Rito Dias Pereira, Dr. Carlos Daniel Inácio Franco, Dr. João Albernaz Santos Coelho Neves, Dr. Tiago Filipe Rodrigues Dionisio, Dr. José Gouveia e Dr. Sérgio Quaresma.

O que motivou a criação desta especialização e que necessidade vem responder no panorama formativo atual?

A Endodontia é, provavelmente, uma das áreas da Medicina Dentária que mais evoluiu na última década. A generalização do microscópio operatório, da tomografia computadorizada de feixe cónico (CBCT), dos materiais biocerâmicos e das novas filosofias de instrumentação alterou profundamente aquilo que hoje é possível fazer pela preservação do dente natural.

Existe, porém, uma distância considerável entre as competências que a formação pré-graduada permite adquirir e o nível exigido para tratar com previsibilidade os casos verdadeiramente complexos: retratamentos, microcirurgia endodôntica, traumatologia dentária ou anatomias atípicas.

Esta especialização nasce precisamente para colmatar essa lacuna. Sentimos que o panorama formativo estava demasiado assente em cursos curtos e isolados, que dificilmente permitem consolidar competências de forma sustentada. A esta necessidade clínica junta-se, agora, uma necessidade estrutural e particularmente oportuna, que é a recente implementação, pela Ordem dos Médicos Dentistas, da especialidade de Endodontia, uma das três novas especialidades, a par da Prostodontia e da Saúde Pública Oral.

Quisemos, por isso, criar um percurso longitudinal, estruturado e baseado na evidência, construído desde o início sobre os critérios da Sociedade Europeia de Endodontologia (ESE) e que responda quer à procura por uma Medicina Dentária centrada na preservação do dente natural, quer ao novo quadro da especialidade em Portugal.

De que forma estruturaram o programa para responder a diferentes níveis de experiência clínica dos médicos dentistas?

O programa desenvolve-se ao longo de três anos, organizado em seis semestres, sempre numa lógica progressiva. Partimos dos fundamentos e construímos a partir daí até aos procedimentos mais diferenciados, como o retratamento não cirúrgico, a gestão de iatrogenias, a microcirurgia endodôntica, o planeamento digital e a regeneração pulpar.

Esta estrutura permite que tanto o colega em início de percurso como o que já tem prática encontrem valor: uns consolidam bases sólidas, outros reorganizam e atualizam conhecimento à luz da melhor evidência.

Para garantir que se trata de formação genuinamente pós-graduada, limitámos a uma fração mínima a sobreposição com os conteúdos do ensino pré-graduada. A par disso, a avaliação contínua, a discussão regular de casos e a tutoria

“Quisemos, por isso, criar um percurso longitudinal, estruturado e baseado na evidência, construído desde o início sobre os critérios da Sociedade Europeia de Endodontologia”

individual permitem adaptar o grau de exigência e de autonomia clínica a cada formando, assegurando que ninguém progride sem dominar a etapa anterior, qualquer que seja o ponto de partida.

O curso conta com um corpo docente residente de referência e convidados internacionais. Que mais-valia traz esta combinação para os alunos?

O corpo docente residente assegura a continuidade e a coerência pedagógica. São docentes que acompanham cada formando ao longo dos três anos, conhecem a sua evolução e garantem critérios consistentes de exigência e de mentoria. A própria organização do curso reflete essa proximidade, com o facto de se limitar a quatro alunos para um corpo docente de seis elementos.

Os convidados internacionais trazem a dimensão complementar: o contacto com diferentes escolas de pensamento, com técnicas de vanguarda e com referências mundiais da especialidade. Esta combinação dá ao aluno o melhor dos dois mundos: a solidez de um acompanhamento próximo e contínuo, com a abertura e a atualização permanente que só a exposição internacional proporciona.

Em que medida é que esta formação pretende posicionar-se como referência a nível nacional e/ou internacional?

A nossa âncora foi, desde o primeiro dia, o referencial europeu. O curso foi desenhado para cumprir, e, em vários aspetos, exceder, os critérios mínimos da ESE para a formação de especialistas em Endodontologia, que constituem o padrão de excelência reconhecido na Europa. É essa base que pretendemos que distinga os nossos formandos: não apenas excelentes clínicos, mas profissionais capazes de produzir e interpretar conhecimento, com uma formação comparável à dos melhores programas europeus.

“As turmas reduzidas traduzem-se naquilo que mais importa na formação clínica: tempo de cadeira e atenção individual”

A nível nacional, a oportunidade é evidente. Com a futura criação do colégio da especialidade de Endodontia na Ordem dos Médicos Dentistas, esta formação pretende responder àquilo que serão os critérios para a acreditação desse colégio.

A consolidação como referência far-se-á, em última análise, com resultados: a qualidade clínica dos formandos, a produção científica associada ao curso e a presença ativa em congressos e publicações nacionais e internacionais.

Que papel assume a duração de três anos na consolidação de competências diferenciadoras?

A duração de três anos não é arbitrária. É, simultaneamente, uma exigência e uma necessidade. É o mínimo estabelecido pela ESE para a formação de especialistas, cerca de 4500 horas, e é também o mínimo previsto no enquadramento de outras especialidades em Portugal. O nosso plano, com mais de 5000 horas de trabalho, das quais cerca de 3500 de contacto, mantém a distribuição recomendada entre atividade clínica, académica e de investigação.

Para lá dos números, há aprendizagens que só o tempo permite. O domínio do microscópio, a repetição deliberada de procedimentos e o contacto com uma casuística crescente em complexidade exigem maturação clínica que não

se comprime em meses. Acresce uma dimensão específica desta área: o sucesso de muitos tratamentos só pode ser avaliado a médio e longo prazo, através do acompanhamento da reparação ao longo de meses ou anos.

Os três anos permitem que o formando observe a evolução dos seus próprios casos, aprenda com esses resultados e, em paralelo, desenvolva e conclua um projeto de investigação sólido.

A formação aposta em turmas muito reduzidas. Que vantagens concretas traz este modelo e como é garantido, na prática, o acompanhamento personalizado ao longo dos três anos?

As turmas reduzidas traduzem-se naquilo que mais importa na formação clínica: tempo de cadeira e atenção individual. Com o rácio que adotámos, cada formando trata mais casos, recebe feedback imediato e direto e progride ao seu ritmo. Numa especialidade que depende do microscópio, em que cada posto de trabalho é exigente em recursos, este modelo é também o que permite garantir qualidade real, e não apenas observação à distância.

Na prática, o acompanhamento assenta em mecanismos bem definidos: todo o tratamento de pacientes é tutelado por docentes do curso; cada formando mantém um registo clínico detalhado da sua atividade; as sessões clínicas de planeamento e apresentação de casos repetem-se ao longo dos seis semestres; e a avaliação combina componente contínua e final.

Este sistema assegura que a evolução de cada aluno é continuamente monitorizada e ajustada, e que a progressão para procedimentos mais complexos ocorre apenas quando há evidência de preparação para tal.

A integração da investigação ao longo dos três anos é um dos pilares da formação. Como se concretiza esta componente?

A investigação está presente desde o primeiro semestre e cresce em profundidade ao longo do percurso. Há uma unidade curricular de projeto de investigação em cada um dos seis semestres, sustentada por formação em ética e integridade científica, bioestatística e epidemiologia, medicina dentária baseada na evidência e escrita científica.

A par disto, a unidade de revisão da literatura atual acompanha todos os semestres, funcionando como um fórum permanente de leitura crítica e discussão da evidência mais recente.

A exigência é concreta e mensurável. Ao longo do curso, cada formando deve publicar, no mínimo, um artigo numa revista com revisão por pares e fator de impacto, apresentar pelo menos um trabalho em congresso internacional e, em cada ano letivo, ser autor ou coautor de uma comunicação científica.

A ideia central é que o endodontista diferenciado não consome apenas a evidência: é capaz de a questionar e de a gerar.

Que tipo de projetos ou trabalhos são desenvolvidos pelos alunos?

Os trabalhos podem assumir natureza clínica, experimental ou de revisão sistemática, conforme o interesse de cada formando, e culminam numa dissertação ou artigo científico. A par destes projetos formais, os alunos desenvolvem, nas

sessões clínicas, a apresentação e o planeamento de casos, incluindo casos multidisciplinares desde o primeiro ano e em conjunto com as outras especialidades a decorrer, nomeadamente de Periodontologia e Ortodontia, e produzem comunicações e pósteres para reuniões científicas nacionais e internacionais.

Os temas refletem toda a amplitude da disciplina: do diagnóstico e da microbiologia ao prognóstico, da regeneração pulpar e das reabsorções radiculares às lesões endo-periodontais, da traumatologia dentária ao planeamento digital em Endodontia. É um leque que permite a cada aluno aprofundar a área que mais o motiva, sempre com o objetivo de chegar à publicação.

“A ideia central é que o endodontista diferenciado não consome apenas a evidência: é capaz de a questionar e de a gerar”

Que competências-chave diferenciam um profissional que conclui esta especialização?

Um profissional que conclui este percurso distingue-se pela capacidade de tratar com previsibilidade os casos que a maioria dos colegas refere ou considera não tratáveis. Destacariamos a destreza no trabalho sob ampliação microscópica, o rigor diagnóstico, o domínio da cirurgia endodôntica e dos retratamentos complexos, e uma sólida literacia científica que sustenta cada decisão.

Mas a competência mais diferenciadora é, talvez, a do julgamento clínico: saber quando e como preservar o dente natural, ponderando com critério as alternativas terapêuticas no melhor interesse do doente. É essa maturidade de decisão, situada num nível de proficiência claramente acima do que se espera da prática geral, que define um verdadeiro especialista.

Como perspetivam o futuro da Endodontia e o papel de formações como esta?

Perspetivamos um futuro orientado por três grandes tendências: a Endodontia minimamente invasiva e biológica, com destaque crescente para a regeneração e os materiais biocerâmicos; a integração de fluxos de trabalho digitais, do planeamento digital, já presente no nosso plano de estudos, à navegação guiada e, progressivamente, ao apoio da inteligência artificial no diagnóstico; e a consolidação definitiva do paradigma da preservação do dente natural face a alternativas mais invasivas.

Neste cenário, e num momento em que a Endodontia se afirma como especialidade reconhecida em Portugal, formações como esta assumem um papel decisivo. São elas que estruturam o caminho para a diferenciação, elevam o padrão de cuidado e garantem que estas tecnologias e filosofias chegam aos doentes pelas mãos de profissionais devidamente preparados e alinhados com os melhores padrões europeus.

Formar especialistas com este nível de exigência é, no fundo, investir no futuro da própria profissão. ■

<https://www.egasmoniz.com.pt/estudar/pos-graduacoes/pos-graduacao-de-especializacao-em-endodontia>